



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 31/10/2014

BRASIL	1
Persiste la escasa oferta de ganado y los precios se mantienen firmes	1
Brasil duplicará su capacidad de engorde en feed lots en la próxima década	2
Aftosa. En estado de Minas se declarará vacunación en forma electrónica.....	2
Márgenes positivos para el productor: aumento de los precios del ternero y del novillo mejoraron situación.....	2
URUGUAY	3
Precios de vacunos siguen presionados a la baja.La industria frigorífica continúa firme en bajar las referencias del ganado gordo	3
Baja la Carne a nivel mayorista	3
Detectarán cómo mejorar cuota de alta calidad de UE, tratarán de evitar que el volumen baje los precios	4
Cargan vacunos en pie con destino a Egipto	5
Misión de Georgia por ganado en pie vendría en diciembre Uruguay pretende que se habilite el mercado para colocar bovinos en pie de razas carniceras.	5
Uruguay cerca de la apertura de Japón para la carne vacuna	5
La cría en Uruguay y Brasil por caminos divergentes	5
Fuerte importador ruso negocia cortes.....	6
Fuerte caída de casos de fiebre aftosa en la región El balance es positivo, hubo solo dos focos en los últimos seis años	6
PARAGUAY	7
US\$ 1.220 millones por exportación de carne hasta setiembre.....	7
Paraguay se perfila como actor importante en el Mercado mundial	7
Chinos quieren llevar carne y soja	8
Abren Venezuela para carne, pollo, cerdo, ganado en pie y genética.....	8
UNIÓN EUROPEA	8
Llamado a trabajar en conjunto para promover las carnes bovinas comunitarias	8
ESTADOS UNIDOS	9
Siguen retrocediendo las existencias de Ganado en feed lots	9
Precios de la carne bovina marcan records y continuarían creciendo.....	9
Análisis sobre la evolución de los precios records vigentes en EE.UU.	9
OMC: falló en contra del sistema de rotulado de origen	10
NFU Oportunidad para que las autoridades del USDA adecuen la norma	10
Presiones en ambos sentidos para fijar posición ante la OMC	10
AUSTRALIA	11
Corriente de El Niño con efecto neutral.....	11
Exportaciones a la UE: 2056 ton de Hilton y 4507 toneladas de C. 481	11
EMPRESARIAS	12
CADE aprueba la compra de Tyson Brasil por parte de JBS.....	12
Multan autoridades por una medida que favorecería a JBS	12

BRASIL

Persiste la escasa oferta de ganado y los precios se mantienen firmes

Sexta-feira, 31 de outubro de 2014 - A cotação da arroba do boi gordo subiu para R\$139,00/@, à vista, em São Paulo.

O mercado está firme, com negócios acima desta referência. São raras as transações por preços menores.

O mercado está pressionado e o preço da arroba do boi subiu em doze regiões pecuárias, além de São Paulo.

A falta de oferta tem sido o principal fator altista.

Os preços da carne no mercado atacadista ganharam fôlego, o que colabora com a firmeza dos preços da arroba.

A melhora das vendas devido ao início de novembro e os estoques restritos favoreceram a alta do boi casado de bovinos castrados, que está em R\$8,54/kg.

Este é o maior valor nominal já atingido.



Assim, houve recuperação da margem do frigorífico que não desossa, atualmente em 15,3%. Há uma semana esta margem era de 10,1%.

Brasil duplicará su capacidad de engorde en feed lots en la próxima década

27 Oct, 2014 THE world is suddenly short of beef, and Brazil could respond by more than doubling its lotfeeding capacity.

Less than 10 per cent of Brazil's current beef production comes from lotfeeding, but there is considerable room for productivity improvement underpinned by one of the world's largest cropping industries.

These factors point to the potential for Brazil to more than quadruple the lotfeeding capacity of Australia, a new Rabobank briefing note suggests, and consequently lift the consistency and quality of Brazil's beef exports.

In its Beefing up Brazil note, Rabobank analysts forecast that the world's second largest beef exporter could double feedlot capacity to 4.5 million in the next decade.

The emphasis on intensification will be only partly driven by growing global demand for beef. Rabobank thinks it will also be an inevitable outcome of Brazil's "unmatched" capacity to grow feed crops, and the country's inefficiency in transporting those crops.

Brazilian production of corn and soybean combined was 88 million tonnes in 2004, and it nearly doubled to about 160m tonnes in 2014.

By comparison, Australia's total grain production is about 34m tonnes over a five-year rolling average. The local lotfeeding sector has about a million head capacity.

The problem for Brazil's grain growing sector, Rabobank reports, is that transporting those crops on Brazil's inadequate transport infrastructure sucks away profit before the grain hits the ports.

"To put it into perspective," the analysts wrote, "according to the USDA (US Department of Agriculture), as a consequence of high internal freight costs in Brazil, transportation costs for moving grains from Mato Grosso - Brazil's most important production state - to Shanghai are about 40 per cent higher (USD 180/tonne) than shipments to China originating from the US state of Minnesota (USD 120/tonne)."

Aftosa. En estado de Minas se declarará vacunación en forma electrónica

Fonte: FAEMG Data: 27/10/2014 A FAEMG vai apoiar o IMA (Instituto Mineiro de Agropecuária) na implantação e divulgação do novo programa estadual para declaração eletrônica de vacinação contra febre aftosa. A Federação deve começar, ainda este ano, a capacitar funcionários dos Sindicatos Rurais para atender aos produtores.

Vantagens e o passo a passo da declaração eletrônica foram apresentados na manhã de quarta-feira, 22/10, aos membros da Diretoria e da Assessoria Técnica da FAEMG pelo diretor-geral do IMA, Altino Rodrigues Neto, e pelo médico veterinário da Gerência de Defesa Animal (GDA) do Instituto, Bruno Rocha Melo.

Segundo Bruno Melo, a declaração funcionará vinculada aos novos procedimentos para o controle do estoque, da entrada e venda de vacinas contra febre aftosa, raiva dos herbívoros e brucelose, estabelecidos pela Portaria 1430, que entra em vigor a partir de 1º de novembro. Com ela, haverá a disponibilização da nota fiscal eletrônica da compra da vacina, o que alimentará o sistema para que o produtor possa gerar a declaração. "Em algum tempo, Minas Gerais terá total gestão espacial das propriedades não-imunizadas e rastreabilidade de lotes e partidas. Um grande avanço em segurança e sanidade dos rebanhos", explica.

Inicialmente, a plataforma estará à disposição do produtor sem obrigatoriedade, o que significa que, caso prefira, ele poderá continuar fazendo a declaração presencialmente nos escritórios regionais do IMA. Entretanto, os ganhos devem atrair um número crescente de adesões já nos primeiros anos após sua implementação, segundo Altino Rodrigues Neto: "Acreditamos que trará profunda transformação para a defesa sanitária em nosso estado, com mais agilidade e comodidade ao produtor, além de mais transparência ao processo. Para o IMA, também trará grande avanço, ao liberar equipes do trabalho burocrático para atendimento a campo".

O presidente do SISTEMA FAEMG, Roberto Simões, também afirmou acreditar no sucesso da inovação: "Mesmo que haja alguma resistência inicial ou mesmo dificuldades do produtor para se adequar à novidade, o rumo está dado e é acertado sob diversos aspectos para continuarmos progredindo no desenvolvimento da nossa agropecuária mineira. A FAEMG valoriza os ganhos que essa plataforma oferece e trabalhará junto ao IMA pela sua viabilização em todo o estado".

Márgenes positivos para el productor: aumento de los precios del ternero y del novillo mejoraron situación

Fonte: CNA 27 de outubro, 2014 - O aumento dos preços do bezerro e da arroba do boi gordo garantiram margem favorável ao produtor nos primeiros nove meses do ano mesmo com o aumento dos custos de



produção. De janeiro a setembro, a receita superou em 3,7% o Custo Operacional Total (COT), que abrange as despesas do dia a dia com a atividade mais a depreciação de patrimônio. Somente no terceiro trimestre, esta diferença foi de 19%.

O boletim Ativos da Pecuária de Corte, elaborado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) revela que, neste ano, o boi gordo subiu 14,67%. Já o COT subiu 11,84% no acumulado de nove meses.

O cenário tem sido positivo principalmente para o pecuarista de cria, que tem se beneficiado da valorização dos animais de reposição. De julho a setembro, houve valorização de 2,5% dos bezerros. Em nove meses, a alta foi de 22,4%.

“O abate crescente de fêmeas, combinado à forte seca em várias regiões brasileiras desde o fim do ano passado, resultou na baixa oferta, tanto de animais para reposição como para abate, e na consequente valorização de ambos. Também contribuiu para os aumentos de preços do boi magro e do bezerro a demanda aquecida de recriadores, reforçada no segundo e terceiro trimestres pelo confinamento”, explica o boletim.

Já para o pecuarista de recria-engorda, a alta dos preços dos animais de reposição representou encarecimento dos custos de produção no terceiro trimestre. No entanto, ele também teve margem positiva, impulsionada pela valorização superior da arroba. Enquanto o COT subiu 1,1% de julho a setembro, o boi gordo se valorizou 5,6% no mesmo período.

URUGUAY

Precios de vacunos siguen presionados a la baja. La industria frigorífica continúa firme en bajar las referencias del ganado gordo

+ Por Blasina y Asociados, especial para El Observador - 31.10.2014, La tónica del mercado de vacunos se mantiene incambiada, con una oferta que se sigue incrementando a mayor ritmo que la demanda y en consecuencia los precios siguen presionados a la baja. El aumento en la faena se debió a la vuelta a la actividad de Cledinor, ya que el resto de las plantas mantuvieron estabilizada su faena semanal.

Con disparidad entre plantas los mejores novillos se negocian a US\$ 3,50 y la mayoría de las industrias pasan precios por debajo de esa referencia, entre US\$ 3,40 y US\$ 3,45. Para la vaca los negocios pueden alcanzar hasta US\$ 3,30. Las entradas se mantienen largas y van de una a dos semanas, aunque hay plantas que dan entradas más largas, de 20 días.

Opuesto es el escenario en ovinos con la demanda acompañando el incremento de la oferta y precios que siguen firmes e incluso al alza en algunas categorías. Los corderos se negocian en el eje de US\$ 4,15 y los pesados pueden aspirar hasta US\$ 4,25. La oveja cotiza entre US\$ 3,65 y US\$ 3,70.

La Asociación de Consignatarios de Ganado corrigió a la baja su referencia para el novillo gordo en tres centavos, a US\$ 3,52, y en dos la vaca, quedando en US\$ 3,27. En ovinos subió cuatro centavos el cordero general a US\$ 4,18, tres centavos el pesado a US\$ 4,21 y también tres la oveja, en US\$ 3,66.

En el mercado de reposición los precios también ajustaron a la baja. Hubo dos remates por pantalla esta semana y la referencia para el ternero bajó cinco centavos al eje de US\$ 2,05.

En la semana que culminó el 25 de octubre la faena de vacunos aumentó 5,4% con respecto a la anterior y fue de 39.777 animales. En comparación a la semana equivalente de 2013, la faena fue 27% mayor. Se faenaron 21.271 novillos –53,5% de la faena total– y 17.703 vacas –44,5% del total faenado–.

El índice INAC para el kilo de novillo de la semana que terminó el 18 de octubre cayó de US\$ 3,698 a US\$ 3,680, y se ubicó 4,1% por encima del precio que tenía hace un año. El kilo de vaca INAC también descendió, al pasar de US\$ 3,407/kg a US\$ 3,405/kg, precio 3,3% superior al que había en 2013. El cordero INAC en cambio subió, y pasó de US\$ 4,279 por kilo a US\$ 4,287, siendo 10,9% mayor al valor del año pasado.

El precio promedio de exportación para la carne bovina bajó de US\$ 4.226/t a US\$ 4.178/t. El promedio de las últimas cuatro semanas móviles fue US\$ 4.182, 15,8% mayor al que tenía a igual momento de 2013.

El precio de exportación de la carne vacuna mantiene una sucesión de semanas por encima de US\$ 4.100 como no se había dado hasta ahora. Siete semanas seguidas, y posiblemente habrán varias más.

Para el mercado de carne vacuna el dato más importante seguramente sea la llegada de las cuadrillas kosher, lo que pondrá presión sobre la industria frigorífica para operar con un volumen mayor.

Baja la Carne a nivel mayorista

INAC 28/10/2014 A partir de mañana, los frigoríficos bajarán 5 pesos por kilogramo, los cortes con hueso que entregan a las carnicerías, incluyendo el asado.

El Instituto Nacional de Carnes espera que ésta disminución se refleje en los puntos de venta y beneficie a los consumidores.

Las autoridades de INAC se mostraron expectantes ante esta baja y su relación con la inflación.



Detectarán cómo mejorar cuota de alta calidad de UE, tratarán de evitar que el volumen baje los precios

PABLO ANTÚNEZ mar oct 28 2014 Los exportadores uruguayos buscan tener información más clara sobre el cumplimiento de la cuota 481 a nivel de cada país, de tal forma de regular los embarques y evitar caída de precios en el mercado ante el crecimiento del volumen.

La meta de Uruguay, incluso compartida con otros países, es estudiar la posibilidad de hacer gestiones para que exista información más certera sobre el volumen que coloca cada uno de los abastecedores de la cuota 481, de tal forma de que no se distorsione el mercado y de mejorar la operativa exportadora a futuro. Así lo remarcó el vicepresidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Fernando Pérez Abella en diálogo con El País.

"Hay que producir y no se sabe si hay cupo o no. Una vez que la carne se embarca, el envío va en viaje y no se puede sacar. Lo que se buscará es que haya información clara de cómo los abastecedores van cumpliendo con el cupo y si se pudieran otorgar cuotas a nuevos países", explicó el jerarca.

Ese es un tema que está pendiente y que, a futuro, será analizado en la órbita del INAC para encaminar las negociaciones en Bruselas a través de la Cancillería.

En el primer trimestre del año, Estados Unidos colocó mucha carne en la UE en el marco de este cupo y eso distorsionó el mercado, afectando a los exportadores uruguayos.

El mercado de la Unión Europea hoy no pasa por su mejor momento, principalmente porque el euro baja frente al dólar, pero lo más importante es que "la demanda por carne uruguaya continúa" y las diferencias que había con las carnes argentinas, "ya no son tantas, fruto del esfuerzo realizado en estos 10 años", explicó el director de Solís Meat, Jorge González a El País.

Dentro de la Unión Europea, la carne de alta calidad, es decir el cupo creado en el litigio de la carne con hormonas entre Estados Unidos y la Unión Europea conocido como la cuota 481.

Dentro del cupo global de 42.000 toneladas para los seis abastecedores, Estados Unidos volcó mucha carne en el primer trimestre del año y eso afectó el negocio, perjudicando a los demás exportadores (Australia, Nueva Zelanda, Canadá, Uruguay y Argentina que todavía no exportó nada).

"La cuota no está ajena a la situación del mercado y para hacer nuevos cierres de negocios habrá que hacer nuevos números", confirmó González.

"Los ganados están comprados y los negocios concertados se van a cumplir, capaz que con algún ajuste en las cargas semanales por el tema de la entrada de la carne en los trimestres. Toda carga cerca del último mes del trimestre puede ser modificada para que no genere costos extras de frío", destacó el industrial.

Tranquilidad.

Por su parte, Pérez Abella, ejecutivo que encabezó la delegación oficial en Sial París, dijo a El País que los problemas generados por la caída de Rusia y la baja del euro en la Unión Europea, "no crean una situación calamitosa", porque la industria frigorífica puede vender en otros mercados como Estados Unidos, donde los embarques están superando las 18.000 toneladas de carne bovina, desosada y madurada.

Si bien está prácticamente cumplida la cuota de 20.000 toneladas, pero hay posibilidades de hacer negocios dentro de la cuota 2015. "Uruguay tiene suficientes mercados para defenderse", ratificó.

Según el jerarca, China mostró una demanda importante en Sial París, al igual que Israel y Chile, haciendo algunos negocios con frigoríficos uruguayos, pero en el marco de un mercado mundial de carnes con algunos problemas geo políticos que lo complican momentáneamente.

Ahora, mirando para adelante, el panorama es promisorio. Pérez Abella sostuvo que en Sial París recibió la inquietud de una misión japonesa que buscaba saber cuándo Uruguay quedaría habilitado para entrar con carne vacuna fresca, desosada y madurada, pues hay interés en hacer negocios.

También dijo que Vietnam manifestó interés en que ingrese carne vacuna con hueso, lo que podría mejorar los negocios en un futuro, si bien, hasta ahora, no se generó una corriente de ventas demasiado importante.

En Rusia se sigue negociando la posibilidad de entrar con cortes de más alto valor (carne de alta calidad) y por ahora Uruguay continúa siendo el único país de la región que puede entrar en Estados Unidos, México y Canadá.

Mejorar aranceles deberá ser la meta

Mejorar el acceso a los mercados bajando aranceles, además de poder entrar con cortes con hueso en determinados destinos de alto valor, es uno de los mayores desafíos que tienen por delante las carnes uruguayas.

"El gran problema de Uruguay tiene que ver con las trabas arancelarias. El camino diseñado viene muy bien, pero hay que mejorar la capacidad de negociación de los aranceles en los distintos mercados", adelantó a El País desde la feria SIAL París el director de Solís Meat (Frigorífico Solís), Jorge González, reflejando la visión de las empresas cárnicas.



Según un trabajo técnico de la Cámara de la Industria Frigorífica (CIF) en 2013 Uruguay pagó US\$ 224 millones en aranceles. De ese monto global, es precisamente en la Unión Europea, el mercado donde van los cortes desosados de más alto valor (lomos, bifés y cuadril), donde se pagó más: US\$ 132.333.276. González aseguró que la meta de posicionar la marca Uruguay como marca país "se está haciendo bien y la próxima meta debe ser trabajar en mejorar el acceso arancelario en los distintos países", consideró el industrial. El industrial remarcó que hoy Uruguay es referente en el mundo.

Cargan vacunos en pie con destino a Egipto

El País un oct 27 2014 La empresa Gladenur carga en el Puerto de Montevideo alrededor de 19.200 cabezas en pie con destino a Egipto.

La exportación de vacunos en pie sigue vigente y la empresa Gladenur está cargando en el Puerto de Montevideo alrededor de 19.200 cabezas en pie con destino a Egipto. Se trata de animales de razas carniceras para engorde y faena en destino, aunque el negocio también incluye animales para genética (vientres).

Según confirmó Mauricio Diez, principal de la empresa Gladenur en Uruguay, van 8.000 vaquillonas preñadas, 4.000 novillos y unos 7.200 terneros, aproximadamente. El ganado estaría partiendo el viernes. "Por el momento no hay posibilidades de realizar más negocios con Egipto. Quedamos en cero y esperamos novedades de otros mercados", confirmó el jerarca a El País.

Por el momento Turquía, el gran mercado de Uruguay en años anteriores está parado y sigue sin entregar permisos de exportación a sus operadores.

Misión de Georgia por ganado en pie vendría en diciembre Uruguay pretende que se habilite el mercado para colocar bovinos en pie de razas carniceras.

mar oct 28 2014 La negociación con Georgia destinada a habilitar el mercado para colocar bovinos uruguayos en pie de razas carniceras, tanto para terminación y faena en destino, como para genética (vientres), está muy adelantada.

Según confirmó a El País el secretario de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie, Gastón Fernández, la misión sanitaria de Georgia vendría en la semana que va del 8 al 12 de diciembre para firmar el protocolo sanitario, ver ganado y la logística que tiene Uruguay.

Georgia es un país que limita con Asia y Erop, localizado en la costa del Mar Negro, al sur del Cáucaso; tiene una posición estratégica que facilitaría la dispersión del ganado uruguayo en esa zona.

"Vamos a ofrecerles toda logística que tiene Uruguay de manejo del ganado, de los corrales y las cuarentenas previas al embarque para facilitar la operativa", confirmó Fernández.

Uruguay cerca de la apertura de Japón para la carne vacuna

29 de octubre de 2014 Según declaró el Vicepresidente de INAC, Fernando Pérez Abella, en la feria SIAL-París al portal de noticias GlobalMeatNews y confirmó a Ganadería.uy, se están ultimando detalles para el ingreso al mercado japonés de la carne vacuna uruguaya.

Pérez Abella señaló que el INAC ha estado trabajando desde hace dos o tres años para lograr el ingreso a Japón, uno de los pocos destinos del mundo al cual Uruguay todavía no está habilitado a exportarle carne vacuna.

Además señaló que será difícil competir con Australia debido a la cercanía que tienen ambos países. Citó como ejemplo el caso de Corea del Sur, mercado que quedó habilitado el año pasado pero con el que no se están realizando negocios por la competencia de Australia.

El potencial del mercado nipón radicaría en el precio de la carne exportada y no tanto en el volumen, según señaló el INAC. Abella dijo que se espera posicionar la carne uruguaya haciendo énfasis en la reputación de Uruguay como país productor natural de carne, con animales alimentados sin hormonas.

La cría en Uruguay y Brasil por caminos divergentes

29 de octubre de 2014 Un informe de la Confederación Nacional de Agricultura de Brasil que resume la información hasta octubre ratifica un auspicioso panorama para la cría vacuna en el país vecino.

El estudio, disponible en http://www.canaldoprodutor.com.br/sites/default/files/ativo_corte_26.pdf da cuenta de la persistente suba del precio del ternero, más de 20% en este año.

"El año 2014 se viene presentando favorable para la ganadería, especialmente para el sector de la cría. La fuerte valorización del ternero, de 22,4% en términos nominales permitió ganancias en el margen al productor en estos nueve meses" asegura el informe. Además de las subas en el precio del ternero, la baja en algunos insumos usados en la producción ayudan a los criadores. El informe menciona la baja en el precio del maíz y la soja, pero también de 5% en las semillas forrajeras.

En los primeros nueve meses del año el novillo gordo también subió —en términos nominales— un 14%.



En contraste, los datos presentados este martes por el Plan Agropecuario muestran una caída de 30% en el ingreso neto de las empresas de ciclo completo a US\$ 46/ha. En las empresas de cría, un descenso de 14% en los precios de venta puede más que el aumento de la productividad y sumado a una muy modesta suba de los costos de 1% lleva también a que el margen caiga. En este caso la caída del ingreso neto es de 40% a US\$ 32/ha. Un ingreso neto aún más exiguo en las empresas criadoras con ovinos.

Una trayectoria divergente y preocupante porque genera una dicotomía de expectativas que no tiene un origen claro. El centro de Brasil atraviesa una sequía que contrasta con la abundancia de lluvias de Uruguay. El precio de exportación ha aumentado en ambos países, pero Uruguay tiene un diferencial de mercados que no está llegando al novillo gordo, que en Brasil se ubica unos 20 centavos por encima del precio de Uruguay.

Es inevitable cuestionarse como estaría la ganadería uruguaya con sequía y sin los mercados de EEUU, Canadá entre tantos que Brasil no tiene. La divergencia en la trayectoria de los márgenes entre ambos países no tiene una explicación clara.

Fuerte importador ruso negocia cortes

PABLO ANTÚNEZ vie oct 31 2014 El principal distribuidor de cortes de alto valor en los restaurantes de elite de Rusia ya está pidiendo los cortes producidos por los corderos del primer compartimento ovino de bioseguridad implementado por Uruguay. La faena fue un éxito.

Aunque la negociación política y sanitaria para entrar con cortes ovinos con hueso en Estados Unidos y México, está bastante avanzada, aún no se pueden enviar muestras.

La primera faena de los 1.488 corderos con los que se desarrolló la experiencia del compartimento ovino fue un éxito, porque se pudo llevar de los papeles a los hechos una experiencia inédita, documentando todos los pasos y afinando una logística que exigía condiciones especiales.

El compartimento es la herramienta de bioseguridad elegida por Uruguay y avalada por la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), para demostrarle a la Unión Europea, Estados Unidos y México —en una primera instancia— que la carne ovina con hueso no es vector de transmisión de fiebre aftosa.

Tras la faena de ayer, en condiciones especiales, auditada por el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, hoy se obtendrán los cortes en el frigorífico San Jacinto (comprador de los corderos).

Más allá de que los mercados antes citados no están habilitados para carne con hueso, la otra realidad es que este primer lote representa pocos kilos y si las negociaciones avanzan, incluso podrían formar parte de una muestra.

Ahora, en los hechos, como Frigorífico San Jacinto tiene un flujo comercial sostenido de productos de altísima calidad para Moscú, el principal distribuidor de cortes de elite para los más sofisticados restaurantes rusos ya está pidiendo los cortes de estos primeros corderos, según confirmó el gerente de esa empresa, Gastón Scayola a El País.

Mientras las negociaciones políticas avanzan para destrabar EE.UU. y México, el MGAP continúa trabajando para enviar toda la información solicitada por las autoridades sanitarias estadounidenses, con el cometido de lograr que llegue una misión sanitaria en diciembre, como paso previo a la habilitación del mercado.

Comercialmente, habrán algunas actividades con carne ovina en México en el próximo mes

Fuerte caída de casos de fiebre aftosa en la región El balance es positivo, hubo solo dos focos en los últimos seis años

+ Hugo Ocampo - 28.10.2014 La acción del Programa de Acción Mercosur Libre de Fiebre Aftosa (PAMA) cuya gestión está finalizando, demuestra una drástica caída de la enfermedad al pasar de 85 focos en cuatro países en los seis años anteriores a su puesta en funcionamiento, a solo dos focos en un solo país durante su ejecución en los seis años posteriores, según los datos de un estudio elaborado por el PAMA al que accedió El Observador.

Se espera que a corto plazo se pueda definir la continuidad del programa, algo que es clave si se tiene en cuenta que en dos años y 10 meses no se ha producido ningún foco de esta enfermedad. Este hecho habla de la importancia de la necesidad de continuidad del programa para asegurar la erradicación de la enfermedad en América del Sur, dijo a El Observador el director de Servicios Ganaderos, Francisco Muzio.

Ahora se prevé evaluar los resultados de este programa en los diferentes países, “que obviamente fueron muy buenos. Hay expectativa de que se concrete un PAMA 2 para lo cual se está trabajando en esa dirección”, admitió el jerarca sanitario del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP).

Las actividades de este programa requirieron una inversión de US\$ 16,2 millones, que fue financiado por el Fondo para la Convergencia Estructural del Mercosur (Focem), que aportó US\$ 13,8 millones no reembolsables y un aporte de contrapartida local por parte de los diferentes países de US\$ 2,4 millones. Sobresalen las acciones para el reconocimiento de la Zona de Alta Vigilancia por la Organización Mundial



de Sanidad Animal (OIE), que comprende un cordón fronterizo de 15 kilómetros de ancho hacia el interior de Argentina, Bolivia, Brasil y Paraguay.

En 2011 la OIE reconoció esa zona como libre de fiebre aftosa con vacunación. También obtuvo ese reconocimiento Bolivia. La asistencia permitió además fortalecer los servicios veterinarios oficiales de los países, en infraestructura, capacitación a los técnicos oficiales y mejoras en los sistemas de vacunación y de control de calidad de las vacunas.

PARAGUAY

US\$ 1.220 millones por exportación de carne hasta setiembre

Publicado el: 25 octubre, 2014 Fuente: Agromeat: Esta cifra fue socializada por el presidente del Servicio Nacional de Calidad y de Salud Animal (Senacsa) Hugo Idoyaga

“En el 2013 cerramos con US\$ 1.330 millones de ingreso por exportación de carne”, expresó el titular de Senacsa en declaraciones a radio Nacional del Paraguay, 920 AM.

Resaltó que el año pasado el Paraguay llegó al octavo lugar de exportación de carne. “Esta año vamos a mejorar nuestro ranking de exportadores de carne”, señaló.

Explicó que el volumen de exportación de carne ha aumentado en un 20 por ciento y que los ingresos de divisas se incrementó alrededor de un 10 por ciento.

“Vamos a tener un nuevo récord histórico de nuevo en cuanto a ingreso de divisas”, sostuvo el presidente de Senacsa.

También confirmó que el Paraguay mantiene la calidad de la carne en el mercado local. “La carne paraguaya es de primerísimo nivel”, dijo.

Añadió que lo importante es que entre buena cantidad de divisas en el país. “Personalmente lo más importante es importar calidad porque la calidad tiene precio” mencionó.

Finalmente el presidente del Senacsa afirmó que en enero próximo se tendrá la nueva ubicación como país y como exportadores.

El 26 de diciembre de 2013 se lanzó el “Plan Nacional de la Carne” con el objetivo de ubicar al Paraguay como 5º exportador de carne del mundo. Paraguay es el octavo productor y exportador de carne del mundo.

Los registros indican que actualmente Brasil encabeza la lista de países exportadores de carne más grandes del mundo. Le siguen India, Australia, Estados Unidos, Nueva Zelanda, Paraguay, Uruguay, Canadá, Unión Europea y México.

Paraguay se perfila como actor importante en el Mercado mundial

29 October 2014 ANALYSIS – Paraguay’s historically high beef exports this year will strengthen, breaking records in 2015, market analysts are predicting.

Strong export performance is expected to reach 360,000 tonnes next year, supported by greater availability and firm demand.

If achieved, exports will maintain a run through 2014 which has seen shipments lift 14 per cent from January to the end of September.

Forecasts put next year’s beef exports at record levels in 2015, reaching 360,000 tonnes, said the US Department of Agriculture in a recent GAIN report.

This will coincide with a 500,000 head increase in the national cattle herd, taking numbers from 14.5 million to 15 million.

So far in 2014, total volume exported has reached 200,891 tonnes after a record September saw over 28 per cent more beef exported than the year before, official statistics show.

Government policy is aimed at pushing more beef abroad, as this is ‘much more profitable’, the Ministry of Agriculture said at the unveiling of a small holder support programme.

Bullish figures for future Chinese demand underpin the investment.

The programme concentrates on developing smallholder farms, giving technical guidance to farms with herds of one to twenty, working on the principle that it is more lucrative if vegetable protein is turned into animal protein and exported.

Agriculture minister Jorge Gattini said: “Agribusiness is the mainstay of the country – 70 per cent of Paraguay’s exports come from the agriculture business.”

Meat and Livestock Australia (MLA) analysts say that, as well as Paraguay’s shipped volume being higher, the range of markets is expanding.

“Russia has remained the major destination for 2014, with shipments slightly (1 per cent) higher year-on-year, totalling 104,983 tonnes swt, while export prices gained 6 per cent, averaging \$4.12/kg”, an MLA spokesperson said.

“Exports to Chile rebounded for the same period, at 34,933 tonnes swt, followed by Brazil, up 33 per cent, and Hong Kong, up 51 per cent).”



Chinos quieren llevar carne y soja

ABC - Paraguay 30/10/2014 | Empresarios de la República Popular de China dijeron ayer en la ARP que están interesados en comprar carne y soja en forma directa de Paraguay. La delegación fue encabezada por el viceministro de Comercio, Zhang Xiangchen...

Un grupo de empresarios y autoridades de la República Popular de China, encabezado por el viceministro de Comercio de ese país, Zhang Xiangchen, se reunió ayer con la directiva de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), en Mariano Roque Alonso, liderada por el vicepresidente primero, Fidel Zavala.

Tras la presentación realizada por el vicepresidente segundo del gremio, Carlos Pereira Benza, sobre la situación productiva y económica del Paraguay, uno de los empresarios asiáticos, Chen Gingxiong, de la firma Sinomach, señaló que le sorprendió la sofisticación de la pecuaria paraguaya y que ya tuvo el placer de consumir la deliciosa carne bovina de nuestro país, que llega a China en forma indirecta, a través de Hong Kong. Destacó que en su país existe el interés de realizar importaciones de granos y carne a través de socios comerciales paraguayos.

Otro de los empresarios chinos, Warren Song, de la firma Hopfull Grain, dijo que está interesado en importar granos de soja en forma directa, no ya a través de Brasil, como lo vienen haciendo.

Por su parte, el viceministro de Comercio, Zhang Xiangchen, presentó a otros empresarios de diversos rubros, que están interesados en invertir en construcciones, infraestructuras, logísticas, etc., en Paraguay. El anfitrión, Fidel Zavala aprovechó para invitar a los asiáticos a participar de la Expo Rueda 2015, en el marco de la Expo Internacional de Mariano Roque Alonso.

Por otra parte, durante la mañana de ayer se realizó una histórica reunión de altas autoridades oficiales de China y de Paraguay en la Cancillería. El viceministro Zhang Xiangchen se reunió con el viceministro de Relaciones Económicas, Rigoberto Gauto.

Abren Venezuela para carne, pollo, cerdo, ganado en pie y genética

30 DE OCTUBRE DE 2014 Venezuela abrió su mercado para envíos de carne bovina, pollo, cerdo, ganado en pie y genética, informó ayer la Cancillería Nacional. El logro se capitalizó en el marco de la rueda empresarial denominada Cómo Hacer Negocios con el Paraguay, organizada por la Embajada de Paraguay en Caracas y realizada los días 27 y 28 del corriente en esa ciudad con la participación de autoridades gubernamentales, empresarios y representantes de cámaras de comercio de Paraguay y de Venezuela.

En esa ocasión suscribieron importantes acuerdos que beneficiarán al sector cárnico y de genética animal.

En el evento concretaron intenciones de negocios por más de US\$ 55 millones.

La firma de los acuerdos se hizo con la presencia de la ministra de Comercio de Venezuela, Isabel Delgado; el embajador de Paraguay en Caracas, Enrique Jara Ocampos; el viceministro para América Latina y el Caribe de la Cancillería Venezolana, Alexander Yáñez; etc.

Los documentos fueron firmados por el presidente de Senacsa, Dr. Hugo Idoyaga, y el presidente del servicio sanitario venezolano Insai, Ing Agr. Vladimir Córdova Bello. En total se firmaron siete acuerdos, para carne bovina deshuesada y congelada; carne de cerdo y subproductos; embriones bovinos; semen congelado bovino y bubalino; bovinos y bubalinos; pollos y subproductos, etc.

UNIÃO EUROPEA

Llamado a trabajar en conjunto para promover las carnes bovinas comunitarias

O países da Europa devem trabalhar juntos para competir no mercado global de carnes, com foco na qualidade superior, disse o chefe a Comissão de Desenvolvimento de Agricultura e Horticultura (AHDB) do Reino Unido, Remi Fourrier. Ele disse que os países da União Europeia (UE) deveriam trabalhar juntos para promover os atributos de seu produto em massa.

Ele disse que as técnicas em um mercado estão sendo adotadas em outros e isso deveria ser encorajado, à medida que isso aumenta as oportunidades para todos: “A França está agora falando sobre maturação da carne bovina, mas há três anos, eles não falavam – e isso veio do Reino Unido”.

Fourrier falou no evento Sial de Paris, após um acordo recente entre UE, Reino Unido, França e Irlanda, para uma campanha de US\$ 8,88 milhões para encorajar mais pessoas a preparar carne de cordeiro em seis países europeus.

Organizações de três países – Eblex (Reino Unido), Bord Bía (Irlanda) e Interbev (França) – garantiu 50% de apoio ao esquema da UE e espera que isso ajudará a conter um declínio no consumo e produção de carne ovina.

Ao mesmo tempo, Fourrier disse que os produtores do Reino Unido estão perdendo a oportunidade quando se fala de exportar carne bovina ao mercado francês. Ele disse que antes do embargo pela encefalopatia espongiforme bovina (EEB), o Reino Unido exportava 50.000 toneladas de carne bovina à



França, mas embora esforços estejam sendo feitos para reconstruir o mercado de carne bovina de alta qualidade, o setor de carne bovina tem sido ignorado.

A carne bovina do Reino Unido atualmente é vendida a processadores da Irlanda e da Holanda, que estão adicionando valor e exportando ao mercado francês. Ele pediu um aumento de investimentos ao setor de plantas de corte do Reino Unido para permitir que o país possa competir com operações eficientes na Holanda.

ESTADOS UNIDOS

Siguen retrocediendo las existencias de Ganado en feed lots

John Maday, Managing Editor, Drovers CattleNetwork | Updated: 10/24/2014 Cattle and calves on feed for slaughter market in the United States for feedlots with capacity of 1,000 or more head totaled 10.1 million head on October 1, 2014. The inventory was 1 percent below October 1, 2013, according to the USDA's October Cattle on Feed report. Feedyard inventories have run below year-ago totals every month so far this year as buyers compete for continued short supplies of feeder cattle.

The inventory included 6.46 million steers and steer calves, up 1 percent from the previous year. This group accounted for 64 percent of the total inventory. Heifers and heifer calves accounted for 3.55 million head, down 3 percent from 2013. Favorable weather, lower feed prices and an outlook for continued high cattle values appear to be encouraging some ranchers to retain more heifers for breeding. That trend likely will further limit placement numbers in the coming months and keep feedyard inventories below those of a year earlier.

During September, U.S. feedyards placed just over 2 million head. That is an increase of 1 percent over the September 2013 total, but last September saw the lowest placement total for the month since this series of reports began in 1996. This September's placements are the second lowest.

Cattle weighing over 800 pounds accounted for the largest share of placements, at 770,000 head or 38 percent of the total. About 60 percent of September's placements weighed more than 700 pounds. We'll probably see placement weights shift toward the lighter classes over the next few months as this year's calves begin shipping to feedyards.

Marketings of fed cattle during September totaled 1.68 million, 1 percent below 2013. Short supplies of market-ready cattle continue to drive historically high prices, and the USDA's Five Area Weekly Accumulated Average Cattle Price for this week came in at \$168.67 per hundredweight. The Texas Cattle Feeders Association reports finished steer and heifer prices in their region averaging \$170 per hundredweight this week, up \$6 from last week's average of \$164.

Precios de la carne bovina marcan records y continuarían creciendo

Chelsea Mies | Updated: 10/28/2014 Beef prices are setting records, even after adjusting for inflation. Experts predicts that prices will continue to rise next year, as well.

This year, beef prices rose 11 percent, on average, Nicholas Bergin reported for the Lincoln Journal Star. Prices have increased due to the decline in the U.S. cattle herd, which is at its lowest point since 1951. Price changes have been dramatic, for example, beef and veal prices increased by two percent from August to September.

Experts say that the price of beef will remain high until the U.S. sees more cattle. Although more cattle are expected next year, expansion won't be rapid. Some experts don't think that prices will change much until 2017, giving U.S. cattle producers a couple years to rebuild herds and get cattle numbers back up.

Análisis sobre la evolución de los precios récords vigentes en EE.UU.

US cattle farmers enjoying record high beef prices have one concern – competition from other proteins come spring 2015.

Latest analyst insights suggest there is no major slump in prices on the cards but that a regenerated pig and poultry sector may weaken prices as consumers have ready alternatives.

In the meantime, youngstock numbers will remain tight until 2016, when one Agricultural Economist says the balance will begin to return.

Beef herds are rebuilding and studies going back to the mid 1800's show that this is when prices hit their peak, according to Professor Chris Hurt, Purdue University.

"There are two reasons for this," Professor Hurt explained.

"First, the number of market ready animals is already small due to the contraction that has been going on; and second, the retention of heifers and cows further reduces slaughter animal numbers even more thus pulling down beef supplies."

This year's figures show that retention has taken 1.7 million females of the market, with even dairy cow numbers falling.



"The milk industry has also likely begun an expansion phase," added Professor Hurt. Overall, this means five per cent lower slaughter for the year, with figures showing that heifer retention is a growing phenomenon.

In the present climate, farmers are advised to maximise their returns, with some producers guilty of 'panic-selling' recently.

This is according to Professor Roy Burris, University of Kentucky, who recommends preconditioning calves to make sure as many as possible make it to adulthood.

"Folks that are buying expensive calves will want some assurance that calves have been properly immunized and managed - so that they have an edge on survival," said Professor Burris.

Similarly, cows need taking care of, and bulls should be selected for calving ease.

"There is too much at stake," he added.

"Feed costs might even be falling a little - at least it seems that corn will be cheaper this fall. Keep those cows in proper condition for good breeding efficiency.

"This coming winter will be a very important time for your cattle operation. There's no excuse for "roughing" cattle through and hoping that the next calving and breeding seasons will work out okay."

Discussing beef prices, he said farmers should not be waiting for the rug to be pulled from underneath them, he added.

Strong cattle prices should be enjoyed and made the most of.

OMC: falló en contra del sistema de rotulado de origen

NFU Oportunidad para que las autoridades del USDA adecuen la norma

TheCattleSite News Desk – 27 October 2014 US - National Farmers Union (NFU) President Roger Johnson said that the World Trade Organisation's (WTO) recent ruling on Country-of-Origin Labeling (COOL) clearly shows US Department of Agriculture (USDA) is headed in right direction.

"This ruling demonstrates the legitimate nature of the COOL objective and finds that the current labeling rule is an improvement over the original rule, but it remains unbalanced between consumer information and production costs," said Mr Johnson.

"This decision, as it has been issued, will likely be modified on appeal and NFU strongly urges USTR to appeal the ruling."

Mr Johnson moderated the panel discussion, and was also joined Danni Beer, president of US Cattleman's Association, Patrick Woodall, research director at Food & Water Watch, and Lori Wallach, director of Public Citizen's Global Trade Watch, to discuss the details and implications of the WTO ruling.

On Monday 20 October, the WTO released the long-awaited, 200-plus page ruling that found the regulatory goal of COOL was WTO-compliant, and that the new 2013 labels provided better, more accurate information for consumers.

"The ruling gives USDA and USTR the opportunity to redefine the rule without the need for Congress to get involved," said Mr Johnson. "There may well be a more clear way to define 'born, raised, slaughtered' such that it cleans up the confusion which was in the decision."

Mr Johnson also offered the inclusion of value-added meat in the rule in order to make it WTO-compliant. "By rule, we could include a number of value-added meat products that heretofore, have not been included," said Mr Johnson.

"The WTO decision says that essentially the costs side that the producers have to bear are more than the benefit side that the consumers get... To the extent that you can increase the amount of the product that is labeled, you nullify that argument." Mr Johnson also discredited the economic issues raised by COOL opponents. He noted that the US was heading into a recession, the US-Canadian dollar exchange rate dramatically changed, and energy costs were starting to skyrocket. All of this caused a decrease in imports, not just across Canada and Mexico, but for all countries and commodities.

"There is a very strong conviction among all of us that the COOL statute needs to remain in place. The WTO, in all of the decisions that have been rendered on this case so far, have always said the law is ok. We have a right to do this."

Presiones en ambos sentidos para fijar posición ante la OMC

Article by: JIM SPENCER , Star Tribune Updated: October 28, 2014 WASHINGTON – Both sides in a debate over meat labeling have begun pressing their cases over a World Trade Organization decision against labels that specify where animals are born, raised and slaughtered.

The WTO said that new U.S. rules requiring those specifics on meat packages would put Mexican and Canadian livestock producers at an unfair disadvantage.

Now, the U.S. must decide how to react.



The labeling issue has ignited a huge legal and regulatory battle pitting American consumer and farm groups against the meat industry and foreign livestock producers who fear that a “buy American” movement will cut their U.S. sales.

The American Meat Institute, which includes Minnesota-based Cargill and Hormel, has sued the government to stop the new labeling measures. It welcomed the WTO report on the U.S. Department of Agriculture’s so-called COOL — country of origin labeling — rules.

“USDA’s mandatory COOL rule is not only onerous and burdensome on livestock producers and meatpackers and processors, it does not bring the U.S. into compliance with its WTO obligations,” the institute said in a statement. “By being out of compliance, the U.S. is subject to retaliation from Canada and Mexico that could cost the U.S. economy billions of dollars.”

Cargill wants the labeling rules changed.

“We have to ensure marketplace efficiencies the best ways we can -- including repealing COOL,” spokesman Mike Martin said in an e-mail statement. “The last thing we need in North America is a trade war, and unless this is addressed, it is where we may be headed. We are hopeful the three governments can work this out. It is costing all three countries, and there are no winners.”

Labeling supporters are also working to get their voices heard. In an editorial circulated to reporters Monday, Minnesota Farmers Union president Doug Peterson called for an appeal.

“The U.S. needs to appeal the WTO’s ruling in defense of rights of American citizens,” Peterson wrote. “And MFU looks forward to working with the USDA and other key stakeholders on a conclusion that is positive both for farmers and for consumers.”

Meanwhile, the chances of tariffs and other import restrictions for U.S. farmers and livestock producers who sell to Canada and Mexico remain real. The Canadian and Mexican governments have both threatened to slap supplemental charges on U.S. meat, wine, cheese and exports unless the U.S. reverses meat-labeling rules.

The WTO said Mexican and Canadian livestock producers face new requirements for segregating animals that U.S. producers do not. At issue is the cost in money and time of identifying cattle and pigs by their countries of birth, countries of raising and countries of slaughter. The record-keeping burden will be worse for foreign producers than for U.S. producers, making them discriminatory.

Large meatpackers like Cargill would like to have a single labeling standard that designates a more general identification such as “product of North America.”

Many U.S. consumer groups and farm organizations counter people deserve the right to “buy American.”

The U.S. Trade Representative expressed disappointment with the WTO report.

“While the WTO continues to affirm the right of the United States to require country of origin labeling for meat products, we are disappointed that the compliance panels have found that the country of origin labeling requirements for beef and pork continue to discriminate against Canadian and Mexican livestock exports,” the agency said in a statement. “We are considering all options, including appealing the panels’ reports.”

The government has 60 days to choose whether to appeal, but can also ask for an extension of that deadline.

Whatever happens with the WTO, the meatpacking industry lawsuit against the labeling rules remains unresolved. The meatpackers lost a federal appeals court decision that challenged the born, raised and slaughtered label as a constitutional violation of companies’ free speech.

Now, the meat institute and others in the industry are pursuing an appeals court hearing on their argument that the USDA lacks the authority to prohibit them from “commingling” livestock.

AUSTRALIA

Corriente de El Niño con efecto neutral

TheCattleSite News Desk - 28 October 2014 – The chance of an El Niño is at 50 per cent, which is still double the normal likelihood, says the Bureau of Meteorology.

Tropical Pacific Ocean temperature is warmer than the six month average, but weather experts say it has not reached El Niño levels yet.

Readings from the latest Southern Oscillation Index returned -4.3, with values below -8 indicative of an El Niño.

Exportaciones a la UE: 2056 ton de Hilton y 4507 toneladas de C. 481

30 October 2014 During the first quarter of the 2014-15 fiscal year, Australia exported 6,800 tonnes swt of beef and veal to the EU, up 18% on the same period last year. Trade to the EU is restricted by various tariffs, quotas and product quality requirements (must be categorised as “high quality”), with most of Australian exports coming under the High Quality Beef (HQB) grain and grass-fed quota policy.



During the fiscal year, Australia is permitted to export 7,150 tonnes swt of high quality grass-fed beef and veal and has access, along with Canada, New Zealand, Uruguay and the US, to the 48,200 tonnes swt first come first serve grainfed quota. These quotas are expected to be utilised for a second fiscal year, as from July through to September Australia exported 2,056 tonnes of high quality grass-fed beef and veal, up 6% year-on-year, and 4,507 tonnes swt of grainfed beef and veal, up 31% year-on-year and the highest volume first quarter on record.

The UK remained the largest market for Australian beef in the EU, taking 1,216 tonnes swt of grass-fed and 1,122 tonnes swt of grainfed product. Other markets that have also emerged as valuable grainfed export customers are Italy and the Netherland, taking 1,640 tonnes swt and 1,153 tonnes swt during the quarter, respectively, up 99% and 11% year-on-year.

During the 2013-14 fiscal year Australian exports to the EU totalled \$244 million and it was one of the highest per unit value destinations, averaging \$10.16/kg.

EMPRESARIAS

CADE aprueba la compra de Tyson Brasil por parte de JBS

Segunda-feira, 27 de outubro de 2014 A autoridade brasileira antitruste aprovou a compra da Tyson do Brasil Alimentos Ltda. pela JBS S.A.. Em despacho publicado no "Diário Oficial da União" de sexta-feira (24/10) a Superintendência-Geral do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) informou que não fez restrições à operação, anunciada pelas partes em julho deste ano.

A aquisição resultará em sobreposição horizontal de atividades de produção e comercialização de carne de frango in natura no país, mas, no entendimento da autarquia, sem prejuízos às condições de competição no setor.

Além de sua subsidiária no Brasil, a americana Tyson Foods vendeu ao grupo brasileiro J&F, dono da JBS, a subsidiária mexicana Tyson Operaciones. A compradora, nesse caso, foi outra empresa do grupo, a Pilgrims Pride Corporation.

A sobreposição horizontal de atividades que resultará do negócio no Brasil inclui abate de frangos nos estados do sul do país. Na documentação entregue ao CADE, a JBS argumentou que a operação não gera preocupações de natureza concorrencial "dadas as baixas concentrações e os pequenos incrementos" de participação no mercado atingido.

Haverá ainda reforço de integração vertical, porém, "ínfima" entre, de um lado, produção de carne in natura de frango e, de outro, produção e comercialização de derivados dessa carne, como, por exemplo, salsichas e presuntos, entre outros.

Multan autoridades por una medida que favorecería a JBS

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.30/10/14 O juiz Francisco Alexandre Ribeiro, da 8.^a Vara do Tribunal Regional Federal da 1.^a Região, de Brasília, impôs uma nova derrota ao Ministério da Agricultura por uma decisão que teria sido adotada para favorecer o frigorífico JBS, dono da marca Friboi.

A decisão do juiz federal, do dia 21 de outubro, na qual determinou a aplicação de multa diária de R\$ 100 mil caso não seja suspensa uma limitação à exportação de miúdos bovinos pelos chamados Entrepósitos de Carnes e Derivados (ECDs), operados com insumos de pequenos frigoríficos.

O juiz determinou a suspensão do Ofício Circular n.º 2, editado em 5 de maio deste ano pelo Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa), subordinado à Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA).

A medida cautelar emitida pelo juiz acolheu pedido da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), que acusa a limitação como uma ação favorável ao JBS.

Foi a segunda derrota imposta pela Justiça Federal ao Ministério da Agricultura neste tema. Em fevereiro, o juiz Antônio Cláudio Macedo da Silva, da 8.^a Vara, havia apontado "suspeitas de possível favorecimento da empresa JBS-Friboi" pelo Dipoa. O ministério recorreu da decisão, o que resultou na medida cautelar solicitada pela Abrafrigo.

A tutela antecipada para manutenção da exportação de despojos e miúdos bovino decidida em fevereiro teria sido burlada pela SDA em 1.º de abril, com a publicação da Instrução Normativa n.º 10.

Os efeitos desse novo documento foram apontados em artigo elaborado pelo veterinário Caetano Vaz dos Santos, consultor da Abrafrigo.

O argumento do veterinário embasou a decisão do juiz da 8.^a Varado Tribunal Regional Federal. "A instrução normativa vem criando um cenário caótico no mercado de produtos de origem animal", registrou o juiz, no documento.

Os efeitos da restrição à exportação de miúdos sobre os pequenos frigoríficos levaram o juiz a decidir contra o Ministério da Agricultura. Desta vez, a Justiça determinou a pena de multa diária à SDA em caso



de descumprimento. O ministério tem dez dias para cumprir a decisão a partir da notificação oficial do TRF1.

O setor frigorífico avalia que os miúdos representam 17% do peso do boi. A importância econômica dos despojos foi abordada no início deste ano pelo pesquisador Gelson Feijó, em estudo realizado na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Gado de Corte) de Campo Grande (MS). “É com os subprodutos do boi que as indústrias conseguem obter lucratividade, que por sua vez vai depender da eficiência da própria indústria na exploração e busca por clientes para esses subprodutos”, observou.

A Controladoria-Geral da União (CGU) apontou, em auditoria realizada em 2013, que a SDA tem adotado repetidas decisões favoráveis ao JBS. O órgão de fiscalização apontou três irregularidades naquele ano. A empresa foi procurada para responder as acusações da Abrafrigo, mas informou que não comentaria o assunto.

O Ministério da Agricultura não respondeu a questionamentos enviados à sua assessoria de imprensa. O governo é sócio do JBS por meio do BNDESPar, braço de participação do BNDES, que detém cerca de 23% das ações da companhia.